

O “herói Marc Bloch”: breves reflexões acerca de uma memória construída

Jougi Guimarães Yamashita*

Começemos pelo fim, aquele inescapável a todos os homens. Um costume comum aos grupos sociais – ao menos no mundo ocidental – quando ocorre a morte de um indivíduo é lembrar certos traços psicológicos e momentos da vida daquele que partiu. Já na cerimônia do enterro, pode-se notar esta prática: familiares e amigos choram pelo falecido ao mesmo tempo em que discutem a sua bondade e os seus feitos, o que ele fazia nos instantes que antecederam à sua morte, entre tantas outras coisas. No momento em que alguém morre, os demais começam um dispendioso trabalho de lembrança sobre o finado. A dor da perda é, portanto, algo que sempre marca o lugar de cada indivíduo dentro de um determinado grupo social¹. Essa reação frente à perda de alguém amado tem um nome, muito conhecido e vulgarmente utilizado: o *luto*.

Mais importante do que descrever todas as variantes desse ritual, aqui delineado propositalmente de forma um tanto quanto negligente, é demarcar uma problemática: morte e memória estão inexoravelmente ligadas. Recorrendo-se à psicanálise, é possível observar que quando alguém guarda luto, o faz porque o objeto amado deixou de existir e, por isto, toda a libido investida neste objeto teve que ser deslocada. Essa situação produz uma espécie de revolta no indivíduo enlutado, uma vez que, psiquicamente, o objeto perdido continua a existir. Até que o aparelho psíquico “perceba” que o ser amado não pode mais retornar, algum tempo é demandado². Essa dificuldade torna-se mais nítida em um caso específico: se a morte do indivíduo for traumática ou imprevista. O trabalho de luto, neste caso, será bem mais severo, a revolta bem maior.

Um caso exemplar para o que foi até aqui exposto foi a revolta provocada quando da morte de Marc Bloch. Para os seus familiares e amigos, a descoberta de que o historiador, então com 57 anos, fora barbaramente torturado por um dos mais temidos oficiais da Gestapo, Klaus Barbie, e fuzilado junto com seus companheiros apenas dez dias após o tão esperançoso “Dia D”³, foi, certamente, um duro golpe. O fato, contudo, já estava consumado. Não havia possibilidade de resgatar a vida do historiador que fundara, juntamente com Lucien Febvre, a revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Restava o trabalho de luto, que teve uma forte influência na imagem *post-mortem* que se construiu de Bloch.

O presente artigo irá se debruçar sobre a memória construída do historiador dos *Annales* morto em 1944. Para tanto, por ora, pretende-se concentrar esforços em duas etapas. A primeira apresentará algumas reflexões acerca da construção da imagem de Bloch dentro dos *Annales* por Lucien Febvre. Em seguida, tratar-se-á de delimitar os espaços em que essa memória transitou – inicialmente restrita ao âmbito acadêmico e familiar, ganhou força, a partir da década de 1980, em um contexto mais amplo da sociedade francesa.

Partindo dessa tônica do luto, teve início a construção, nas páginas da revista dos *Annales*, de uma determinada memória sobre Marc Bloch. A fim de noticiar a morte do companheiro da empreitada intelectual, Lucien Febvre publica na revista⁴ o artigo *Marc Bloch, fusillé*⁵, noticiando aos leitores tal perda inestimável. Esta representava, para ele, o fim de 25 anos de luta conjunta contra aquilo que denominaria de “má história”. Naquele momento, praticamente imediato à morte de Bloch, o amigo morto aparece para Febvre como um dos grandes nomes da Resistência⁶:

*De todos os nossos grandes mortos da Resistência, Bloch, talvez, seja o maior de espírito, o mais reluzente pela influência, também um dos mais fortes pela energia lúcida. Essa perda francesa, sei de antemão, será ressentida no estrangeiro. Ela fará nascer os mesmos sentimentos de horror que vivemos na França...*⁷

Para que os leitores entendessem a dimensão da perda e a fim de justificar o porquê de Bloch ter sido uma das maiores perdas da Resistência Francesa, Lucien Febvre traça uma breve retrospectiva da trajetória do amigo durante a guerra. Descreve como, desde o início, o historiador havia atuado no conflito. Bloch, que viria a ser o capitão mais velho de todo o exército francês, teria aderido voluntariamente ao chamado da nação – tendo em vista que poderia pedir dispensa do serviço por conta da idade. Isso foi, para Febvre, a prova de que o companheiro morto era dotado de uma “coragem física e moral exemplares”⁸.

Com a chegada do armistício e da derrota humilhante e “estranha” – conforme definição dada pelo próprio historiador judeu –, Bloch procurou retornar ao ensino superior, em Montpellier. Porém, aconselhado por alguns amigos e a fim de manter a liberdade e a integridade física, logo partiu daquela cidade. Por conta disso, fora acusado de “não-cumprimento do dever”, e se viu obrigado a sair da legalidade⁹. Naquele momento, ele passava a ser um refugiado em Vichy. Daí para a adesão à Resistência Francesa, segundo Febvre,

foi rápido: apesar da opção de buscar refúgio em outro país, Bloch preferiu ficar. Segundo Febvre,

Bloch largou a legalidade (...). Ele se lançou bravamente nessa vida clandestina da Resistência, onde é impossível, para quem não a conhece, imaginar os perigos, as fadigas, o alerta contínuo, bem como as satisfações. Note-se que ele poderia, durante o armistício, partir para os Estados Unidos, como muitos outros fizeram. Isso lhe foi oferecido. Ele poderia dizer que, livre, serviria à causa de seu país. Concluiu, no entanto, que sua partida era inconcebível. Ele relutava em deixar sua família, seu país¹⁰.

A escolha de Bloch estaria ligada ao amor à família e ao país, de acordo com Febvre. Assim, teria atuado no *Franco-Tireur*¹¹ e trabalhado pela Resistência até o dia em que fora capturado pela Gestapo. Na prisão, sofreu os mais diversos suplícios. Febvre faz questão de lembrar que Bloch não cedeu às violentas investidas dos interrogadores alemães. Não contou nada sobre os trâmites e a organização da Resistência. A bravura do guerreiro não se extinguiu, apesar de tudo e, por isso, a sua morte teria sido mais do que heróica; era, segundo o colega *annaliste*, uma “morte santa”¹². Lucien Febvre parecia concluir o seu elogio fúnebre. Mas, antes do fim, um aviso: *Annales* continuaria e, enquanto a revista durasse, Marc Bloch permaneceria entre seus companheiros intelectuais, vivendo e agindo.

O que importa no artigo escrito por Febvre é a construção da imagem de Bloch, indissociável dos *Annales*, bem como os traços que marcariam essa imagem, tais como heroísmo, força, convicção, amor pela verdade e pela pátria. Ao longo do tempo, os textos produzidos em prol da memória de Bloch se transformam¹³, mas os adjetivos que qualificam o Marc Bloch que se queria lembrar permaneceriam os mesmos. Torna-se, portanto, muito clara a influência no discurso de Febvre do que Michael Pollak classifica como “enquadramentos de memória”, ou seja, a produção de um discurso organizado que serve a um fim determinado, em detrimento de algumas memórias, que por terem o potencial de questionar e mesmo destruir as memórias enquadradas, ficam reprimidas, tornam-se “memórias subterrâneas”¹⁴.

A “memória enquadrada”, então, seria aquela que associa o nome Marc Bloch a virtudes como heroísmo e nacionalismo, além da inovação nos estudos historiográficos. Tal imagem não dá margem a incoerências e conflitos na trajetória de Bloch. O projeto dos *Annales*, segundo essa memória elaborada por Febvre, teria sido levado a cabo sem conflitos e discordâncias grandes entre os dois historiadores.

Além disso, a adesão à Resistência teria sido imediata, como era de se esperar de um grande mártir. Esta afirmação, contudo, silencia um elemento importante na trajetória de Bloch. Entre a derrota da França na guerra – 1940 – e a adesão do historiador ao movimento da Resistência *Franc-Tireur* há um lapso de três anos. Ora, esse fato não condiz com a ideia de um patriota inflamado, como é o Bloch do discurso de Febvre. Em um discurso de memória – que, vale lembrar, não era restrito a Marc Bloch, mas aplicava-se de maneira geral aqueles que morreram em decorrência da ação na Resistência Francesa –, esses traços “humanos” (medo, conflitos, tensões) são deixados de lado em nome do enquadramento de uma dada memória.

A mesma questão se aplica quando é posta em evidência a relação entre os dois historiadores. O que são constantemente rememoradas – e são elementos presentes nesses artigos que homenageiam Bloch – são as noções de uma luta conjunta por uma história “humana” (basta lembrar da afirmação de Bloch em *Apologie pour l'histoire* de que o historiador, como o ogro da lenda, farejaria carne humana), que ultrapassasse a história *événementielle* que se fazia até então na França, que evitasse o “ídolo das origens” e que fosse interdisciplinar e crítica.

Por outro lado, apesar de tudo o que foi escrito por Lucien Febvre, a relação que se estabeleceu entre os dois foi a de dois seres humanos, com todas as suas inconsistências, marcas de personalidade, enfim, com toda a complexidade que há de se esperar quando se tratam de indivíduos modernos. Por isso, deve-se questionar até que ponto esse laço de amizade cunhado por Febvre em seu discurso era, de fato, inquebrável.

A fim de relativizar o discurso de Febvre, devemos nos debruçar rapidamente sobre um episódio da trajetória de Bloch e Febvre que deixou marcas profundas – e, até certo ponto, “esquecidas” por Febvre nos artigos – na ligação entre os dois.

1926 é o ano em que tal episódio tem início e, portanto, antes mesmo da fundação dos *Annales*. Os dois, já um pouco cansados do ambiente de Estrasburgo e buscando ascensão acadêmica, decidiam tentar uma vaga como professores em Paris (Lucien Febvre, no ano anterior, já tinha feito uma seleção para a Sorbonne, sem sucesso¹⁵). Ambos escolheram o renomado *Collège de France* para realizar este sonho, em prol de um maior reconhecimento entre os historiadores. No momento em que escolhiam para qual cadeira seriam suas candidaturas, descobriram-se rivais, lutando pela mesma vaga. Imediatamente, criou-se um mal estar entre os dois. Ambos reportaram-se ao filósofo Henri Berr¹⁶ sobre o ocorrido. Marc Bloch

sentia-se, então, constrangido. Apesar disso, justificava a sua empreitada:

*Você sabe de nossa amizade. Tenho-lhe tanta estima e lhe devo tanto que gostaria de desaparecer da sua frente. Mas outros historiadores são candidatos e não tenho nem as mesmas razões morais nem as mesmas razões intelectuais para inclinar-me diante deles*¹⁷.

Dessa forma, ele pretendia esclarecer o aparente “ato rebelde” que teria feito contra Lucien Febvre. A luta estava declarada, mesmo que indiretamente. E se do lado de Bloch reinou o constrangimento, para Febvre o ato foi a marca da quebra de confiança. Ele sentiu-se traído, ficando muito chateado com a insistência de Bloch em entrar no *Collège de France*, o que pode ser explicado, inclusive, por ter sido ele quem primeiro teve a idéia de realizar tal empreendimento. Se até aquele momento Febvre acreditava que Bloch era o historiador ideal, como revelavam algumas cartas de princípios dos anos 1920¹⁸, essa imagem caíra por terra com a “infidelidade” do amigo, que aparecia, então, nas correspondências como alguém que estava disposto a tudo para triunfar. O ideal da amizade deu lugar à mais rude disputa “eleitoreira”. Febvre sentia-se perseguido, como se o único adversário de Bloch fosse ele. Tudo que Bloch fazia parecia um ato de má fé para prejudicá-lo:

*Bloch me anuncia que vai à Paris mover céu e terra para ser nomeado, renunciando a Estrasburgo e contentando-se provisoriamente com o salário da École Pratique de Hautes Études. Ele tem sorte de poder fazê-lo; de minha parte, vejo-me obrigado a não dar trégua ao tema da história moderna e aos meus vários empregos, e por isso sou incapaz de ir a Paris; algo que Marc Bloch não gastou muito tempo para pensar*¹⁹.

De fato, a amizade estava comprometida. É claro que não há como saber até onde o rancor de Febvre tem fundamento (nem é essa a intenção desse trabalho), mas este episódio fornece pistas claras de que todo o laudatório *post-mortem* de Marc Bloch não traduzia plenamente as tensões entre os dois. Daí o interesse em citá-lo aqui: ele mostra um retrato mais complexo e mais humano de uma amizade tida como exemplar e tão difundida em outros documentos.

Toda essa disputa foi, durante algum tempo, “esquecida” deliberadamente pelos herdeiros dos *Annales*. Obviamente, elas não serviam ao projeto do periódico. E, para Lucien Febvre, eram elementos que não seriam lembrados em um discurso produzido logo

após a morte de Bloch. O discurso da lembrança se concentraria em apagar conflitos, visto que era um primeiro esforço de lembrança de alguém que tivera uma morte emblemática.

Carole Fink²⁰ busca explicar o porquê. Para ela, o destino de Marc Bloch levou Lucien Febvre a fazer um “exame de consciência” e perdoá-lo definitivamente. Ele era informado de todo o sofrimento pelo qual Bloch passava. Albert Bayet (membro do comitê editorial do *Franc-Tireur*) e Pierre Abraham (antigo colaborador dos *Annales*) o informaram da detenção e do fuzilamento de Bloch. Febvre foi um dos primeiros a viajar para Lyon para investigar o desaparecimento do amigo. E foi com esse sentimento, e não com o da rivalidade latente dos anos entre 1920 e 1930, que ele redigiu os textos em homenagem ao amigo. Foi ali que ele inaugurava o mito de Bloch como “historiador-resistente”, aquele que transitava naturalmente entre a história escrita e a história vivida, simultaneamente herói e mensageiro da história.

Essa memória sobre Marc Bloch, brevemente descrita aqui, não foi, durante muito tempo, compartilhada fora do âmbito acadêmico e familiar dos Bloch. No espaço da sociedade francesa, ela ganharia força somente após a década de 1980.

Este é o segundo objetivo do presente artigo. Hans Ulrich Gumbrecht oferece uma pista interessante que pode ser útil a uma compreensão inicial desse problema. Ele desenvolve a ideia de que um “clima de latência”²¹ teria emergido na Europa do pós-guerra. O que estariam latentes, segundo o historiador, seriam os horrores do conflito. Os homens perceberam, com a guerra, que haviam atingido um patamar de destruições que eram irreversíveis, e isso impedia a ação humana. Vivia-se, por exemplo, em meio aos escombros da guerra como se eles não existissem. A França vivenciou esse clima de latência. O conflito de 1939-1945 foi, em muitos aspectos, um período dramático para os franceses e certos eventos foram tão traumáticos para esta sociedade que foram recalcados por muito tempo. A experiência colaboracionista francesa, até hoje, é tratada com dificuldade naquele país.

O que acontece é que se criou, principalmente graças à ascensão de De Gaulle²² no cenário político do pós-guerra, um mito em relação à experiência da França na guerra que, por mais que tenha sido contestado praticamente desde o seu início, permaneceu inabalável durante muito tempo²³. Ora, contestar a ação – e até mesmo a existência – de alguns heróis nacionais é uma tarefa muito ingrata. Tratava-se apenas daqueles que levaram até as últimas consequências os ensinamentos que eram comemorados no dia 14 de julho. Tentava-se fazer com que estes representassem, na memória, não uma pequena parcela da sociedade, mas sim *o todo*

nacional, que nunca ficaria sem ação frente ao que se estabeleceu após a derrota de 1940. A culpa seria toda dos alemães. Não existiram cidadãos franceses aliados a toda a barbárie de Hitler e seus subordinados maléficos²⁴. Assim, a consciência dos franceses ficava limpa. Este período em que os franceses se reconheciam nessa visão do passado que identificava o país àqueles que haviam resistido ao regime de Vichy e à ocupação alemã, de acordo com Pierre Laborie, durou cerca de 30 anos²⁵. Essa memória que originária de momento imediatamente seguinte ao trauma não deixaria espaço para a sua crítica²⁶. Torna-se vitorioso um discurso de resistência e indignação demasiadamente poderoso, e que exclui a possibilidade de diálogo com qualquer outro discurso: não se pode estar contra ele, nem mesmo buscar relativizá-lo. Fazer isto seria estar do lado do opressor de outrora, seria trair a pátria.

Só que o que está latente, em algum momento, se manifesta. Durante as últimas décadas, no entanto, alguns historiadores parecem ter conseguido superar esse problema fundamental sobre o período da guerra. Historiadores como Henry Rousso, François Bédarida e Pierre Laborie começaram a desenvolver seus estudos sobre o tema²⁷. São trabalhos que fazem parte de um tempo no qual algumas “memórias subterrâneas” começavam a emergir. Os grandes “heróis” da Resistência pareciam perder seu espaço. Com De Gaulle no governo, já começaram a emergir algumas “memórias subterrâneas” que questionavam a ideia de uma grande resistência unificada. Foi durante os governos Mitterrand – nas décadas de 1980 e boa parte da década de 1990 –, contudo, que aqueles heróis se mostravam verdadeiramente humanos, com suas fraquezas e mentiras. O então novo presidente da França – o primeiro socialista eleito ao cargo no país – era um representante da oposição ao De Gaulle e, como ele, havia participado da luta pela libertação da França durante a Segunda Guerra Mundial. Sua eleição, portanto, era bem representativa de que o mito da Resistência estava ruindo. Imenso prejuízo para os esforços de memória! Quem salvaria a França, se os líderes até então cultuados foram desgastados com erros e hesitações?

A resposta: seriam os “homens comuns”, heróis que não tinham a notoriedade daqueles que estavam substituindo, nem sua influência, mas que dentro do seu espaço de possibilidades teriam atuado de uma maneira que, convenientemente, passou a ser digna de lembrança. Não é à toa, portanto, que Marc Bloch, passaria a ser, naquele momento, elevado ao panteão dos heróis da luta pela França. Aquela imagem que Lucien Febvre desenhou em 1944 passava a ser recuperada. Bloch começou a aparecer na mídia

francesa, como, por exemplo, nos consagrados *Le Monde* e o *Le Nouvel Observateur*, e a ser homenageado por diversas instituições²⁸.

Na mesma medida em que Marc Bloch ascendeu, Lucien Febvre conheceu seu infortúnio. Ele passou a ser muito criticado, desde a década de 1980, por conta de sua decisão de continuar a publicar os *Annales* naquelas circunstâncias da França dividida, ao preço da retirada do nome de Bloch da direção da revista. O historiador Phillippe Burrin, por exemplo, publicou no *Le Monde* de 28 de fevereiro de 1995: “Lucien Febvre contra Marc Bloch, a pureza do espírito de resistência frente à apática acomodação de um grande historiador que se mostrou inferior a si mesmo”²⁹. Nota-se claramente que tinha fim o ideal tão proclamado em décadas anteriores – e pelos próprios historiadores em questão – da “unidade de vida e pensamento” entre Bloch e Febvre.

Percebe-se, então, que esta questão ultrapassava os limites dos indivíduos Lucien Febvre e Marc Bloch. Eles eram como porta-vozes de uma crise de consciência que a sociedade francesa vivia e que buscava respostas. Como disse Olivier Dumoulin, o desentendimento dos companheiros de armas intelectuais foi elevado ao arquétipo das atitudes fundamentais dos franceses no curso da guerra³⁰. O conluio contra Febvre, portanto, não era mais do que o sinal dessa crise da parcela da sociedade francesa que durante a guerra ficara conformada em participar da “zona cinzenta”³¹ frente ao martírio dos pares. Por sua vez, a exaltação de Bloch refletia a questão do compromisso dos intelectuais para com a sociedade. O nome de quem deixou sua mesa de trabalho para sacrificar a sua vida aparece como um símbolo da vontade de servir à pátria, mesmo que esta mesma pátria fosse alvo de questionamento.

A fortuna intelectual de Bloch, aliás, coincidiu temporalmente com a sua “descoberta” como herói nacional. Foi o início da “crise” da história³², na qual os grandes modelos de explicação histórica foram postos à prova, e às vezes a própria legitimidade da história. Os *Annales*, enquanto escola de produção historiográfica de peso, sofreram diretamente com esse momento de esfacelamento teórico.

Houve a necessidade de propor mudanças. Os sucessores de Braudel vão mostrar os problemas da ideia de totalidade. Eles começam a ter a impressão de que estão fazendo uma história “descarnada”, ou seja, sem a presença do homem, que deveria ser o objeto primeiro da disciplina. Fala-se de populações, mas não de indivíduos. Esta consciência da incapacidade de dar conta das grandes estruturas faz com que os objetos da história comessem a ser partidos entre várias disciplinas. Isso causou certa tensão entre os historiadores. A fragmentação da disciplina causou uma grande sensação de que a história encontrava-se “em migalhas”³³.

Christian Delacroix³⁴ destaca esses anos em que a historiografia francesa presenciou tal “crise” como um momento ambivalente: além de ser um cenário de dúvidas foi, por outro lado, um momento de recomposição e redefinição de todos os domínios da história.

As grandes certezas, portanto, haviam caído por terra, e a história não possuía mais um norte específico. Partindo dessas circunstâncias é possível compreender o motivo pelo qual *Apologie pour l'histoire* foi considerada como um marco de consciência historiográfica: a obra seria o início de novos tempos, cuja história finalmente rompia o pacto com a memória em prol da construção da nação³⁵.

O historiador morto em 1944, portanto, passava a servir muito bem a uma dupla-função. Sua obra ganhava ares de clássico em um momento de incertezas em relação aos caminhos do conhecimento histórico. Por outro lado – e esse é o aspecto que mais interessa ao presente artigo –, a sua trajetória pareceu associar-se muito bem a uma tentativa de substituir os então questionados heróis da resistência. Um judeu, historiador, fuzilado com 57 anos pela Gestapo por ter participado da luta contra o nazismo apareceria como um dos nomes a ser lembrado, como um exemplo de comportamento que deveria ser modelar aos franceses.

Todos esses esforços de memória buscam atribuir uma coerência no pensamento e na ação de Marc Bloch. São textos que, de certa forma, compartilham da “ilusão biográfica” denunciada por Pierre Bourdieu³⁶, ou seja, a ideia de que uma vida constitui “um todo coerente e orientado que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto”³⁷, que, neste caso, seria o ardor nacionalista do mártir da Resistência Francesa. O enquadramento de sua memória promovido por esses textos ora apresentados, nesse sentido, busca silenciar os momentos em que esse traço não parece direcionar a ação de Marc Bloch.

Por outro lado, deve-se ter em mente que a memória é “a retenção afetiva do passado”³⁸. Por essa carga de afetividade, o lembrar sempre “enquadra” em algum sentido. Mesmo assim, só foi possível lembrar de Marc Bloch como um grande nacionalista após a sua morte porque a sua trajetória apresenta, de fato, elementos que podem promover tal afirmação. A “ilusão biográfica” se monta sem dificuldades nessa trajetória, marcada por eventos como a Guerra franco-prussiana, o Caso Dreyfus, as duas Guerras Mundiais, o clima de Estrasburgo, a Resistência Francesa. De fato, um indivíduo com trajetória única, mas ao mesmo tempo claramente representante de um tempo bem marcado: a Terceira República Francesa. Ler sobre a

sua vida, portanto, não deixaria de ser uma forma de “mergulhar em uma época” de constantes tensões em torno da identidade nacional francesa.

Notas de Referência

- * Doutorando do Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), orientado pela Professora Doutora Denise Rollemberg Cruz. Contato: jougi_guimarães@yahoo.com.br.
- ¹ Sobre a reação dos homens frente a morte, ver ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, e ARIËS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ² FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999. Idem. **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- ³ Famosa operação militar que tinha como objetivo libertar Paris dos alemães. Considerado um momento de “virada” para a libertação da França na Segunda Guerra Mundial. Ver DAVIES, Norman. *Europa na guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- ⁴ Naquele momento chamada de *Mélanges d'histoire sociale*⁴ por conta de uma proibição do governo de Vichy (O governo “independente” da França, que colaborava com o regime nazista alemão) de que *Annales* fosse publicada (já que tinha Bloch, um judeu, na direção).
- ⁵ FEBVRE, Lucien. Marc Bloch, fusillé. In: *Mélanges d'histoire sociale*, N°6, 1944. p. 5-8.
- ⁶ Aqui utilizamos “Resistência” no singular, por conta da fonte citada. Vale destacar que o mito de uma Resistência unificada na França já foi posto em descrédito há algumas décadas.
- ⁷ Do original: “[...] de tous nos grands morts de la Résistance, Bloch, peut-être, est le plus grand pour l'esprit, le plus rayonnant par l'influence, l'un des plus forts aussi par l'énergie lucide. Cette perte française, je sais d'avance comme elle sera ressentie à l'étranger. Elle y fera naître les mêmes sentiments d'horreur qu'en France...”. Ibid., p. 5.
- ⁸ Ibid., p. 6.
- ⁹ Ibid., p. 6.
- ¹⁰ Do original: “Bloch quitta la légalité. (...) il se jeta bravement dans cette vie clandestine de la Résistance, dont il es impossible, à qui ne l'a connue, d'imaginer les dangers, les fatigues, les continuelles alertes, les satisfactions également. Notons qu'il aurait pu, au lendemain de l'armistice, gagner les États-Unis, comme bien d'autres. On le lui offrait. Il pouvait se dire que, libre, il servirait bien la cause de son pays. Il

- s'arrangea, cependant, pour que son départ fût impossible. Il lui répugnait de quitter sa famille, son pays*”. Idem. Ibidem, p. 7.
- 11 Um dos grupos organizados da Resistência Francesa.
- 12 Do original: “ *Il n'est pas mort seulement en martyr d'une patrie don't il connaissait, mieux que personne, l'éternelle grandeur. Songeant à ses dernières letters, à ses dernières conversations, à cette épuration continuelle de sa pensée et de ses sentiments, j'ai envie de dire, je dis qu'il est mort d'une mort sainte*”. Ibid., p. 8.
- 13 Lucien Febvre publica outros dois artigos nos quais destaca as virtudes de Bloch. Ver Id. *Annales d'histoire sociale*. 8 anée, n.1, 1945.
- 14 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p3-15, 1989.
- 15 Olivier Dumoulin, op.cit., 2003, p.88.
- 16 Criador da *Revue de Synthèse historique*.
- 17 “*Usted conoce nuestra amistad. Le tengo tanta estima y le debo tanto que me hubiera gustado desaparecer delante de él. Pero otros historiadores son candidatos y no tengo ni las mismas razones morales ni las mismas razones intelectuales para inclinarme delante ellos*”. Carta de Bloch a Henri Berr, de 18 de novembro de 1928, reproduzida em Olivier Dumoulin. op.cit., 2003, p. 91
- 18 Ibid., p.98-102.
- 19 “*Bloch me anuncia que se va a Paris mover cielo y tierra para ser nombrado, renunciando a Estrasburgo y contentándose provisionalmente com el sueldo de la École Pratique de Hautes Études. Tiene la suerte de poder hacerlo; por mi parte, me veo obligado a no dar tregua al tema de la historia moderna y al pluriempleo, dado que soy incapaz de ir a París; algo en lo que Marc Bloch no há gastado mucho tiempo en pensar*”. Ibid., p. 92.
- 20 FINK, Carole. op.cit. Oeiras: Celta, 1995.
- 21 GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Uma rápida emergência do ‘clima de latência’”. *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro, v.11, n.21, jul-dez.2010. p.303-317.
- 22 General nas duas grandes guerras, e consagrado como um dos grandes líderes da Resistência Francesa.
- 23 LABORIE, Pierre. *Les Français des années troubles – de la guerre d'Espagne à la Libération*. Paris: Seuil, 2003.
- 24 ROUSSO, Henry Rouso. *Le syndrome de Vichy: 1944 à nos jours*. Paris: Seuil, 1990, p.17-18.
- 25 LABORIE, Pierre. “Memória e Opinião”. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 91.

- ²⁶ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ²⁷ É evidente, no entanto, que a memória da grande Resistência e das vítimas da *Shoah* ainda existe e tem força. Processos em torno da reparação das vítimas, julgamentos de criminosos de guerra ou colaboracionistas, entre tantas outras investidas, são provas cabais de que o debate ainda continua em pauta e longe de terminar.
- ²⁸ DUMOULIN, Olivier.op.cit., p. 26-42.
- ²⁹ Phillipe Burrin, “Febvre inférieur a lui-même”. http://www.lemonde.fr/cgi-in/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=357869, acessado em 10 de junho de 2010, às 23:30hs.
- ³⁰ DUMOULIN, Olivier. Op.cit., 2003, p. 37.
- ³¹ Pierre Laborie cunha a expressão para classificar os grupos que não participaram da Resistência, nem foram colaboracionistas; eles apenas deram seguimento às suas vidas, na medida do possível. Viviam, assim, na “zona cinzenta”. Ver LABORIE, Pierre. “L’idée de Résistance, entre définition et sens: retour sur um questionnaire”. In: *Les Français des années troubles – de la guerre d’Espagne à la Libération*. Paris, Seuil, 2003.
- ³² NOIRIEL, Gérard. *Sur la crise d’histoire*. Paris: Éditions Belin, 1996.
- ³³ François Dosse. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Edusp, 2003.
- ³⁴ Christian Delacroix. “L’histoire entre doutes et renouvellements (lès anées 1980-1990)”. In: _____et alii . *Histoire et historiens en France depuis 1945*. Paris: ADFP; Ministère des Affaires Étrangères, 2003, p.189-210.
- ³⁵ Ibid., p.86.
- ³⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDA, Janaína Amado Baptista, FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro: FGV, 1996. p 183-191.
- ³⁷ Ibid., p.185.
- ³⁸ CATROGA, Fernando. *Memória, História, Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.